

Roma Estabelece a Visão - Número Seis

As controvérsias proféticas na história adventista: compreendendo o conflito entre Uriah Smith e James White sobre Daniel 11:36

Jeff Pippenger
2024-08-14

Estamos abordando seis linhas de controvérsia profética que ocorreram ao longo da história do Adventismo de 1798 até o presente.

Na história e na profecia, a Palavra de Deus retrata o prolongado conflito entre a verdade e o erro. Esse conflito ainda está em andamento. As coisas que já foram, se repetirão. Antigas controvérsias serão reavivadas, e novas teorias surgirão continuamente. Mas o povo de Deus, que em sua fé e no cumprimento da profecia tem desempenhado um papel na proclamação das mensagens do primeiro, do segundo e do terceiro anjos, sabe qual é a sua posição. Eles têm uma experiência mais preciosa do que o ouro fino. Devem permanecer firmes como uma rocha, retendo firmemente o princípio da sua confiança até o fim. Mensagens Escolhidas, livro 2, 109.

O artigo anterior abordou a primeira e a última controvérsia acerca do poder romano, e agora trataremos da controvérsia que ocorreu entre Uriah Smith e James White. Uriah Smith inseriu sua própria "interpretação privada" no versículo trinta e seis.

VERSO 36. E o rei fará segundo a sua vontade; e se exaltará, e se engrandecerá acima de todo deus, e proferirá coisas espantosas contra o Deus dos deuses, e prosperará até que a indignação se cumpra; pois o que está determinado será feito.

"O rei aqui introduzido não pode designar o mesmo poder que foi mencionado por último; a saber, o poder papal; pois as especificações não se sustentarão se aplicadas a esse poder." Uriah Smith, Daniel e o Apocalipse, 292.

Smith reconheceu que o poder no versículo anterior era a "Roma papal", mas afirma que as características do versículo trinta e seis não são características proféticas que identificam a Roma papal. Essa alegação é falsa. Deve-se lembrar que, na rebelião de 1863, os sete tempos de Levítico capítulo vinte e seis foram postos de lado e, portanto, a representação dos sete tempos em ambas as tábuas de Habacuque foi rejeitada. Tanto o quadro de 1843 quanto o de 1850 ilustram os sete tempos bem no centro, e ambas as ilustrações colocam a cruz no centro da linha dos sete tempos. Quando a nova luz dos sete tempos chegou em 1856 e foi posteriormente rejeitada, isso marcou uma rejeição das duas tábuas de Habacuque e também da autoridade do Espírito de Profecia, que tão claramente afirma que ambos os quadros foram dirigidos por Deus.

Segundo a Irmã White, o último engano de Satanás é anular o testemunho do Espírito de Deus, e aqui o primeiro engano foi anular o testemunho do Espírito de Deus, e também representou uma rejeição simultânea das verdades fundamentais nos dois quadros e, mais especificamente, dos sete tempos.

Na rebelião de 1863, foi ninguém menos que Uriah Smith quem produziu o gráfico falsificado de 1863, que removeu a linha dos sete tempos. Até 1863, Uriah Smith já havia fechado os olhos para a luz dos sete tempos e não conseguia ver que há duas “indignações” que Daniel identifica. As duas indignações representam os sete tempos contra o reino do norte de Israel e o reino do sul de Judá. A primeira, contra as dez tribos do norte, começou em 723 a.C. e terminou em 1798, e a segunda começou em 677 a.C. e terminou em 1844.

Gabriel veio a Daniel no capítulo oito para explicar a visão marah e, em conexão com seu trabalho, apresentou um segundo testemunho em favor de 1844. Os dois mil e trezentos anos do capítulo oito de Daniel terminaram em 1844, mas também terminou a última das duas indignações contra os reinos do norte e do sul.

E disse: Eis que te farei saber o que há de acontecer no último tempo da ira; porque no tempo determinado será o fim. Daniel 8:19.

O fim último pressupõe um primeiro fim. A última das duas indignações, que é simplesmente outra expressão dos sete tempos, terminou em 1844, e a primeira indignação terminou em 1798. O versículo que Smith alegou não conter especificações do poder papal identificou o ano em que o papado receberia sua ferida mortal.

E o rei fará conforme a sua vontade; ele se exaltará e se engrandecerá acima de todo deus, e proferirá coisas espantosas contra o Deus dos deuses, e prosperará até que a indignação seja cumprida; pois o que está determinado será feito. Daniel 11:36.

"O rei" no versículo trinta e seis "prosperaria até que a indignação se cumprisse." Observe o que Smith escreve sobre Daniel capítulo oito, versículos vinte e três e vinte e quatro, no mesmo livro em que ele afirma que o poder papal não possui os atributos corretos para cumprir o versículo trinta e seis.

VERSÍCULO 23. E, no fim do seu reino, quando os transgressores tiverem chegado ao cúmulo, levantar-se-á um rei de semblante feroz, e entendido em enigmas. 24. E o seu poder será grande, mas não por seu próprio poder; e destruirá de modo espantoso, e prosperará e agirá, e destruirá os poderosos e o povo santo. 25. E, por sua astúcia, fará prosperar o engano em sua mão; e no seu coração se engrandecerá, e pela paz destruirá a muitos; também se levantará contra o Príncipe dos príncipes; mas será quebrado sem mão.

Esse poder sucede às quatro divisões do reino do bode no último período do seu reino, isto é, perto do término de sua carreira. É, naturalmente, o mesmo que o pequeno chifre do versículo 9 e seguintes. Aplique-o a Roma, conforme exposto nas observações sobre o versículo 9, e tudo fica harmonioso e claro.

'Um rei de semblante feroz.' Moisés, ao predizer o castigo que sobreviria aos judeus por esse mesmo poder, chama esse poder de 'uma nação de semblante feroz.' Deuteronômio 28:49, 50. Nenhum povo apresentava um aspecto mais formidável em ordem de batalha do que os romanos. 'Entendendo sentenças obscuras.' Moisés, na passagem das Escrituras há pouco referida, diz: 'cuja língua não entenderás.' Isso não poderia ser dito dos babilônios, persas ou

gregos, em relação aos judeus; pois as línguas caldeia e grega eram usadas, em maior ou menor grau, na Palestina. Não era esse, porém, o caso do latim.

Quando os transgressores tiverem chegado ao extremo.' Em todo o tempo, a conexão entre o povo de Deus e seus opressores é mantida em vista. Foi por causa das transgressões do seu povo que foram vendidos ao cativo. E a sua persistência no pecado trouxe punição mais severa. Em tempo algum os judeus foram, como nação, mais corruptos moralmente do que quando ficaram sob a jurisdição dos romanos.

"Poderoso, mas não por sua própria força.' O sucesso dos romanos devia-se em grande parte ao auxílio de seus aliados e às divisões entre seus inimigos, das quais estavam sempre prontos a tirar proveito. A Roma papal também era poderosa por meio dos poderes seculares sobre os quais exercia controle espiritual."

'Ele destruirá de modo espantoso.' O Senhor disse aos judeus, pelo profeta Ezequiel, que os entregaria a homens 'peritos em destruir;' e a matança de um milhão e cem mil judeus na destruição de Jerusalém pelo exército romano foi uma terrível confirmação das palavras do profeta. E Roma, em sua segunda, ou papal, fase, foi responsável pela morte de cinquenta milhões de mártires.

'E por sua política também fará prosperar o engano em sua mão.' Roma destacou-se acima de todos os outros poderes por uma política de astúcia, por meio da qual trouxe as nações sob seu controle. Isso é verdade tanto da Roma pagã quanto da Roma papal. E assim, pela paz, destruiu a muitos.

E Roma, finalmente, na pessoa de um dos seus governadores, levantou-se contra o Príncipe dos príncipes, ao proferir sentença de morte contra Jesus Cristo. 'Mas ele será quebrado sem mãos', expressão que identifica a destruição desse poder com o golpe desferido contra a imagem do capítulo 2. Uriah Smith, Daniel e o Apocalipse, 202-204.

Smith, duas vezes na passagem, afirma que as características proféticas da Roma pagã e da Roma papal são intercambiáveis, pois são simplesmente a manifestação de Roma em suas duas fases, como a mistura de ferro e barro no capítulo dois de Daniel, que a Irmã White identifica como símbolos do poder religioso e do poder civil. Quando Daniel identifica nos versos aos quais Smith está se referindo — que Roma “prosperará e praticará” e que Roma “fará prosperar o engano em sua mão” — Smith afirma que, no verso trinta e seis, o “rei” que “prosperará até que a indignação se cumpra” identifica uma característica profética tanto da Roma pagã quanto da Roma papal. Em seguida, ele afirma que nenhuma das características de Roma no verso trinta e seis se refere ao poder papal.

Nós recorremos a Smith para apoiar a identificação de Roma como os salteadores que estabelecem a visão, e uma das quatro características proféticas no versículo catorze é que Roma se exalta.

E, naqueles tempos, muitos se levantarão contra o rei do sul; também os salteadores do teu povo se exaltarão para estabelecer a visão; mas cairão. Daniel 11:14.

Smith afirma que as características do rei no versículo trinta e seis não condizem com o poder papal, embora tenha defendido anteriormente que era Roma, no versículo catorze, que se exalta. Ainda assim, o rei no versículo trinta e seis "se exaltará". Esse mesmo rei, no versículo trinta e seis, "falará coisas maravilhosas contra o Deus dos deuses". Em Daniel, o poder papal "proferirá grandes palavras contra o Altíssimo", e no livro do Apocalipse o poder papal blasfema contra o Altíssimo.

E foi-lhe dada uma boca que proferia grandes coisas e blasfêmias; e foi-lhe dado poder para continuar por quarenta e dois meses. E abriu a boca em blasfêmia contra Deus, para blasfemar do seu nome, e do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu. Apocalipse 13:5, 6.

Cada especificação profética do poder papal é identificada no versículo trinta e seis.

E o rei fará conforme a sua vontade; ele se exaltará e se engrandecerá acima de todo deus, e proferirá coisas espantosas contra o Deus dos deuses, e prosperará até que a indignação seja cumprida; pois o que está determinado será feito. Daniel 11:36.

Os comentaristas humanos são muitas vezes pouco confiáveis, mas muitos comentaristas adventistas dão testemunho da verdade óbvia de que era o versículo trinta e seis que o apóstolo Paulo estava parafraseando em 2 Tessalonicenses, quando se referiu ao homem do pecado.

Ninguém de modo algum vos engane: porque aquele dia não virá sem que primeiro venha a apostasia, e seja revelado o homem do pecado, o filho da perdição; o qual se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus ou é objeto de culto; de sorte que ele, como Deus, se assenta no templo de Deus, mostrando-se como Deus. 2 Tessalonicenses 2:2, 3.

O versículo trinta e seis afirma que "ele se exaltará e se engrandecerá acima de todo deus", e Paulo diz "que seja revelado o homem do pecado, o filho da perdição; o qual se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus, ou do que é adorado". Claramente, Smith não tinha autoridade profética para afirmar que o rei do versículo trinta e seis era diferente do rei em discussão nos versículos que antecedem o versículo trinta e seis. Do ponto de vista gramatical, ele não tinha justificativa para fazer sua aplicação equivocada, e sua alegação de que o fez porque o versículo trinta e seis não possui características do poder papal foi uma deturpação das Escrituras na tentativa de estabelecer uma interpretação particular.

Temos também a palavra profética ainda mais segura; e fazeis bem em dar-lhe atenção, como a uma luz que brilha em lugar escuro, até que o dia amanheça e a estrela da manhã nasça em vossos corações; sabendo, antes de tudo, que nenhuma profecia da Escritura é de interpretação particular. Porque a profecia jamais veio pela vontade humana, mas homens santos de Deus falaram movidos pelo Espírito Santo. 2 Pedro 1:19-21.

Ao longo dos anos do adventismo laodiceano, houve muitos teólogos, pastores e autores adventistas que abordaram se acham que a aplicação de Smith é correta ou incorreta. Um pastor australiano, Louis Were, já há muito falecido, dedicou a maior parte de seu ministério a opor-se ao falso modelo profético de Smith. A razão de sua oposição não era simplesmente o fato de que Smith, por fim, identificou o rei que chega ao seu fim no versículo quarenta e cinco como a

Turquia, mas também que a plataforma de Smith produziu uma aplicação incorreta de Armagedom. Na década de 1980, ou por volta disso, um autor adventista escreveu um livro intitulado *Adventistas e Armagedom: Entendemos mal a profecia?* O nome do autor é Donald Mansell, e o livro ainda está disponível.

Mansell traça a história que antecedeu a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, mostrando que, quando ambas eram vistas como iminentes, os evangelistas adventistas passaram a empregar a aplicação equivocada de Smith — a Turquia marchando para a Jerusalém literal — como um sinal do Armagedom e do fim do mundo. Ele demonstra, por meio dos registros de membros da igreja, que, à medida que cada uma das guerras se aproximava, muitas almas eram trazidas ao rol de membros da Igreja Adventista, com base na ênfase profética dos evangelistas derivada da visão falha de Smith sobre o Armagedom.

Quando cada uma das guerras terminou e as previsões equivocadas não se cumpriram, a igreja perdeu mais membros do que havia ganho com o modelo profético construído por Smith.

Por meio da rejeição, por parte de Smith, da mensagem fundamental dos mileritas, e de sua disposição em promover sua interpretação particular dos versículos 36 a 45 de Daniel, a lógica de Smith produziu um modelo profético baseado em eventos atuais.

Na discussão entre Smith e James White sobre o rei que chega ao seu fim no último versículo de Daniel onze, James White apresentou uma lógica que representava de forma sucinta o fundamento profético arenoso de Smith. White ensinou que "a profecia produz a história, mas a história não produz a profecia".

Os evangelistas do Adventismo que atuaram antes de ambas as guerras empregaram o desenrolar da história para apresentar o falho modelo profético de Armagedom de Smith, e seu trabalho, que parecia tão abençoado no período que antecedeu as guerras, resultou em uma perda líquida quando se demonstrou que o modelo profético se baseava numa interpretação privada.

Cuidado com os falsos profetas, que vêm até vocês disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos vorazes. Vocês os reconhecerão pelos seus frutos. Por acaso se colhem uvas de espinheiros ou figos de abrolhos? Assim também toda árvore boa produz bons frutos; mas a árvore má produz frutos maus. Uma árvore boa não pode produzir frutos maus, nem uma árvore má produzir frutos bons. Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo. Portanto, pelos seus frutos vocês os reconhecerão. Mateus 7:15-20.

A disposição de Smith para promover um modelo profético particular do rei no versículo trinta e seis teve como fruto também a criação de uma aplicação incorreta da Sexta Praga e do Armagedom.

E o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis do oriente. E vi sair da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos imundos, semelhantes a rãs. Porque são espíritos de demônios, que fazem milagres, os quais vão ao encontro dos reis da terra e do mundo inteiro, para os reunir para a batalha daquele grande dia do Deus Todo-Poderoso. Eis que venho como

ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para que não ande nu, e não vejam a sua vergonha. E os reuniu num lugar que, em hebraico, se chama Armagedom. Apocalipse 16:12-16.

Como já apontamos anteriormente, a sexta praga vem após o fechamento do tempo de graça humano; portanto, o aviso de guardar as suas vestes deve referir-se a uma questão de prova que ocorre antes de Miguel se levantar, o tempo de graça humano se encerrar e a primeira praga começar. A sexta praga identifica as atividades do dragão, da besta e do falso profeta, que são a tríplice união que se reúne na iminente lei dominical. Essa tríplice união é a Roma Moderna, e o símbolo que identifica e estabelece a tríplice união da Roma Moderna são os "violentos do teu povo", que "se exaltarão para estabelecer a visão" e "cairão".

O aviso da sexta praga, quando compreendido, permite que uma alma conserve suas vestes; mas, se for rejeitado, deixa uma alma nua, o que é um dos cinco atributos de um laodiceano. O símbolo que estabelece esse aviso são os salteadores do teu povo, que se exaltam e, por fim, caem. Salomão disse que, se o povo de Deus não tiver essa visão, perece.

Onde não há visão, o povo perece; mas aquele que guarda a lei, esse é feliz. Provérbios 29:18.

A palavra hebraica "perish" significa "tornar nu", e João registrou: "Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para que não ande nu e não vejam a sua vergonha." Smith estava errado quanto ao Rei do Norte, e esse falso fundamento profético permitiu-lhe desenvolver uma aplicação profética que, se aceita, produz nudez, que é um símbolo dos laodiceanos, que são vomitados da boca do Senhor.

Smith não teve problema em defender sua nova falsa identificação do Rei do Norte contra o marido da profetisa, James White. Historiadores adventistas, e a Irmã White, abordam a famosa divergência deles. Ellen White repreendeu tanto o marido quanto Smith por permitirem que sua diferença de opinião sobre quem era representado pelo rei do Norte em Daniel onze fosse tornada pública. Na primeira publicação adventista após o Grande Desapontamento de 1844, James White escreveu:

"Que Jesus se levantou, fechou a porta e veio ao Ancião de Dias, para receber o seu reino, no sétimo mês de 1844, eu creio plenamente. Veja Lucas 13:25; Mateus 25:10; Daniel 7:13,14. Mas o levantar-se de Miguel, Daniel 12:1, parece ser outro evento, para outro propósito. Seu levantar-se em 1844 foi para fechar a porta e vir a seu Pai, para receber o seu reino e poder para reinar; mas o levantar-se de Miguel é para manifestar o seu poder régio, que ele já possui, na destruição dos ímpios e na libertação do seu povo. Miguel há de se levantar no tempo em que o último poder do capítulo 11 chegar ao seu fim, e ninguém para ajudá-lo. Esse poder é o último que calca aos pés a verdadeira igreja de Deus; e como a verdadeira igreja ainda é pisada e expulsa por toda a cristandade, segue-se que o último poder opressor ainda não 'chegou ao seu fim'; e Miguel ainda não se levantou. Esse último poder que calca aos pés os santos é apresentado em Apocalipse 13:11-18. O seu número é 666." James White, Uma Palavra ao Pequeno Rebanho, 8.

Quando Smith apresentou sua assim chamada “nova luz” sobre o assunto do “último poder em Daniel capítulo onze”, James White viu a aplicação de Smith não como nova luz, mas como um ataque aos fundamentos. A controvérsia sobre Roma como o rei do norte em Daniel onze, que ocorreu entre Uriah Smith e James White, possui atributos específicos que, como estudantes de profecia, devemos reunir com as outras controvérsias da história adventista concernentes ao símbolo de Roma.

Uma dessas características é a introdução de uma interpretação privada. Outra característica é que a aplicação da interpretação privada exige uma distorção da gramática elementar, pois Smith não apenas desconsiderou que cada atributo profético no versículo trinta e seis se dirige a Roma, mas também desconsiderou que a estrutura gramatical exige que o rei do versículo trinta e seis seja o mesmo rei representado na passagem anterior.

Outro é que a interpretação particular foi uma rejeição de verdades fundamentais. Outro é que ela representa uma rejeição da autoridade do Espírito de Profecia. Outra característica é que a primeira ideia equivocada sobre Roma levará a um modelo profético que impede que alguém mantenha suas vestes ao aproximar-se do encerramento do tempo de graça para a humanidade. Outro foi a disposição de promover publicamente sua interpretação particular. Outro é que a interpretação particular é invariavelmente identificada como nova luz. Todos esses atributos estão representados na discussão atual sobre os "salteadores do teu povo".

Quando a última controvérsia de Roma, que foi tipificada pela primeira controvérsia de Roma que identificava os “ladrões do teu povo”, for reunida com a linha profética da controvérsia de Uriah Smith e de James White, veremos que uma classe estará construindo seu modelo profético com base em uma interpretação particular, que rejeita a verdade fundamental.

A rejeição das verdades fundamentais representa automaticamente uma rejeição da autoridade do Espírito de Profecia, que defende de maneira tão sólida essas verdades fundamentais. Esse grupo também estará disposto a apresentar publicamente seu ponto de vista, independentemente de quaisquer preocupações que possam ser levantadas quanto ao impacto que esse ensino possa ter sobre o povo de Deus em todo o mundo.

Imediatamente após 1844, na primeira geração do Adventismo, introduziu-se outra controvérsia acerca de Roma. Essa controvérsia continuou a ser debatida, até que a visão falsa foi aceita na terceira geração do Adventismo. Consideraremos a controvérsia do “diário” como a quarta de seis linhas que estamos agora considerando no modelo de linha sobre linha.

Mas, antes de abordarmos a quarta linha das controvérsias de Roma, é preciso lembrar que, no artigo anterior, quando estávamos tratando do versículo dez do capítulo onze de Daniel, afirmamos: "O versículo dez também conecta diretamente os 'sete tempos' de Levítico vinte e seis à história oculta, mas essa linha de verdade está fora do que estamos aqui expondo".

Uriah Smith liderou a rejeição dos sete tempos em 1863. Ele havia rejeitado o aumento do conhecimento sobre esse assunto que foi apresentado nos artigos sobre o tema, escritos por Hiram Edson e publicados na Review em 1856. As implicações de o próprio Smith, estando associado a

um movimento que apresentou os sete tempos, depois ter rejeitado um aumento de conhecimento justamente sobre esse assunto, também estão fora do escopo do tema das características da introdução, por parte de Smith, daquilo que ele afirmava ser nova luz sobre o assunto do rei do norte; mas, quando concluirmos nossa visão geral da linha das controvérsias adventistas de Roma, retornaremos tanto ao significado do verso dez do capítulo onze de Daniel quanto ao que é representado pela rejeição, por parte de Smith, da mensagem de Laodiceia que chegou em 1856 com o aumento do conhecimento sobre os sete tempos.

"Nossa fé quanto às mensagens do primeiro, segundo e terceiro anjos estava correta. Os grandes marcos pelos quais passamos são inamovíveis. Embora as hostes do inferno possam tentar arrancá-los de seu fundamento e triunfar pensando que conseguiram, ainda assim não têm êxito. Essas colunas da verdade permanecem firmes como os montes eternos, inabaláveis por todos os esforços dos homens combinados com os de Satanás e suas hostes. Podemos aprender muito e devemos estar constantemente examinando as Escrituras para ver se essas coisas são assim." Evangelismo, 223.

Os grandes marcos da verdade, que nos mostram a nossa posição na história profética, devem ser cuidadosamente guardados, para que não sejam derrubados e substituídos por teorias que trariam confusão em vez de luz genuína. Mensagens Escolhidas, livro 2, 101, 102.

"Neste tempo, muitos esforços serão feitos para abalar nossa fé na questão do santuário; mas não devemos vacilar. Não se deve mover nem um alfinete dos alicerces da nossa fé. A verdade continua sendo verdade. Os que se tornarem incertos enveredarão por teorias errôneas e finalmente se verão incrédulos quanto às evidências passadas que tivemos do que é a verdade. Os antigos marcos devem ser preservados, para que não percamos o rumo." Manuscript Releases, volume 1, 55